

# Definições nos dicionários bilingues?

ÁLVARO IRIARTE SANROMÁN

Universidade do Minho

A definição é a parte mais importante dum dicionário monolíngue e é o aspecto sobre o qual mais se tem escrito em lexicografia teórica<sup>1</sup>. Mas, será pertinente a presença de uma definição nos dicionários bilingues?

A ideia de um dicionário bilingue sem definições tem origem numa concepção pré-saussureana da língua como uma nomenclatura em que as unidades se justapõem (e se substituem de língua para língua) e têm um valor universal. Ao situarmo-nos dentro dos limites da unidade palavra – embora, como veremos, esquecendo o princípio de arbitrariedade do signo linguístico no sentido absoluto que lhe dá Saussure (1992)<sup>2</sup>, assim como o conceito de *valor* que encontramos no *Curso (ib.)* –, constatamos, como nos ensinava a linguística estruturalista, que a fragmentação do *continuum* a que chamamos realidade difere de uma língua para outra.

---

<sup>1</sup> Para além da bibliografia que podemos encontrar referenciada em Zgusta (1988), Alvar Ezquerro (1982b) ou Haensch (1982: 260-262), entre outros, queremos citar aqui o importante volume monográfico editado por Chaurand E. Mazière em 1990.

<sup>2</sup> Saussure (1992) entende este carácter arbitrário do signo não só como oposto à motivação onomatopéica, no sentido óbvio de que não há uma relação directa entre o significante e o significado (Saussure, 1992: 126-127), mas também, e muito mais importante, uma concepção de arbitrariedade que leva Saussure a contestar a ideia de língua como uma nomenclatura em que as unidades se justapõem, e a concebê-la antes como uma estrutura em que se estabelecem relações, que poderão ser arbitrárias, de oposição e de associação (*vd.* Teixeira (1992):

«A primeira coisa que se destaca nesta organização são as *solidariedades sintagmáticas*: quase todas as unidades da língua dependem quer do que as enquadra na cadeia falada, quer das partes sucessivas de que elas se compõem.» (Saussure, 1992: 214).

Esta ideia de que a mesma realidade conceptual é abrangida de maneiras diferentes pelo vocabulário das diferentes línguas, ou vice-versa, que as diferentes línguas, ou o vocabulário das diferentes línguas, fragmentam a realidade de maneira diferente, obedece a uma concepção discreta e atomista da linguagem (uma palavra ligada a um significado; um monema ligado a um significado) que dominou a linguística moderna, e com ela a semântica e a lexicografia, pela qual se entende o significado como estando permanentemente ligado a um significante, independentemente dos contextos situacionais e dos co-textos linguísticos, esquecendo-se, mesmo dentro do paradigma estruturalista, que o sentido de qualquer lexema inclui tanto as relações sintagmáticas como as paradigmáticas.

Só acrescentando definições aos equivalentes podemos resolver «problemas de equivalência» como os que apresentamos nos seguintes quadros, semelhantes aos conhecidos quadros apresentados por Hjelmslev (1968) nos seus *Prolegómenos...*:

português	espanhol
-tribunal-	-tribunal-
-juri-	-jurado-
-jurado-	

**jurado** [xu'raðo] *s.m.* 1. Júri (tribunal judiciário de cidadãos); *El jurado ya ha emitido su veredicto*: O júri já emitiu o seu veredicto; *cf. tribunal*. 2. Júri (comissão de pessoas cuja função é avaliar e qualificar) [num concurso ou competição]; *El jurado decidió por unanimidad atribuir el premio a X*: O júri decidiu por unanimidade atribuir o prémio a X. 3. Jurado (cada um dos elementos de um júri).

**tribunal** [triβu'nal] *s.m.* 1. Tribunal (pessoas que administram a justiça); *El tribunal absolvió al demandado*: O tribunal absolveu o réu. 2. Tribunal, Palácio de Justiça (lugar ou edifício onde essas pessoas actuam); *El tribunal queda en la Plaza Mayor*: O tribunal fica na Praça Maior; *vd. juzgado*. 3. Júri, banca (*s.f.*) (BRASIL) (pessoas para avaliar alguma coisa); *El tribunal estaba compuesto por doctores de varias universidades*: O júri era formado por doutores de várias universidades; *cf. jurado*. • **T~ Constitucional**: Tribunal

Constitucional. **T~ de Apelación:** Tribunal de Apelação. **T~ de Cuentas:** Tribunal de Contas. **T~ del Santo Oficio:** Tribunal do Santo Ofício (Inquisição). **T~ Supremo:** Tribunal da Relação, Supremo Tribunal de Justiça.

português	espanhol	francês	inglês
-hálito-	-aliento-	-haleine-	-breath-
-fôlego-			
-alento-			-courage-

**aliento** [a'ljento] *s.m.* **1.** Hálito (ar expirado, cheiro que se exala pela boca); *Toma una pastilla contra el mal aliento:* Toma uma pastilha contra o mau hálito; *vd. hálito.* **2.** Fôlego (respiração, ar que se respira); *Llegó sin ningún aliento:* Chegou sem nenhum fôlego. **3.** Alento (ânimo, vigor, força); *Aún le queda aliento para seguir viviendo:* Ainda lhe fica alento para continuar a viver. • **Cobrar el a~:** Recuperar o fôlego (reanimar-se). **De un a~:** De um fôlego (de uma só vez, com um só esforço). **Mal a~:** Mau hálito. **Quitar el a~:** Impressionar. **Sin a~:** Sem fôlego, sem fala (exausto).

português	espanhol	francês	inglês
-soluço-	-sollozo-	-sanglot-	-sob-
	-hipo-	-hoquet-	-hiccup-

**sollozo** [so'oθo] *s.m.* Solução (choro); *¡Deja esos sollozos que ya vamos a solucionar tu problema!*: Pára com esses soluços que já vamos resolver esse teu problema! • *cf. hipo.*

**hipo** ['ipo] *s.m.* **1.** Soluços (*s.m.pl.*) (contração espasmódica do diafragma); *Sólo le pasa el hipo si lleva un gran susto:* Só lhe passam os soluços se apanhar um grande susto; *cf. sollozo.* **2.** FAM. Vontade (desejo de); *¡Menudo hipo que tienes por que llegue el día de tu boda!*: Que vontade tens de que chegue o dia do teu casamento! • **Quitar el h~:** Cortar a respiração (surpreender; assombar); *Es de quitar el hipo:* É de cortar a respiração.

Embora de maneira generalizada, toda a linguística do século XX assumia que os recortes (linguísticos) que se fazem da realidade diferem de língua para língua, os dicionários bilingues, ao estabelecerem os paralelismos ao nível paradigmático entre as palavras da língua de partida e as palavras da língua de chegada, excluindo as possibilidades combinatórias das mesmas, estão, implicitamente, a pressupor a existência de um paralelismo na organização léxico-semântica das duas línguas (Lépinette, 1996: 54).

Mesmo que os cortes linguísticos que as diferentes línguas possam fazer do mundo empírico não se possam sobrepor a nível lexical, todas as línguas chegam ou podem chegar à mesma precisão na descrição da realidade, ora por meios lexicais, ora gramaticais, «puisque les langues utilisent leurs 'potentialités' morphologiques et syntaxiques pour suppléer aux lacunes lexicales.» (Clas, 1996: 208).

Esquecer que na sua maioria estes casos ficam resolvidos na actualização discursiva (co-textual ou contextualmente) é olvidar que a divisão linguística desse *continuum* a que chamamos realidade também não é discreta (Fuchs, 1994).

Assim, retomando um dos exemplos, no caso de <sup>P</sup>*hálito*, <sup>E</sup>*aliento*, <sup>F</sup>*haleine*, etc., não se trata de que a um conceito em espanhol ou em francês correspondam três conceitos em português. Os possíveis sentidos que potencialmente podem representar as três palavras portuguesas <sup>P</sup>*hálito*, <sup>P</sup>*fôlego* e <sup>P</sup>*alento* poderão ser co-textualmente actualizados, por exemplo, como se segue:

- (a) <sup>P</sup>*Ter mau hálito*
- (b) <sup>P</sup>*Tomar fôlego*
- (c) <sup>P</sup>*Palavras de alento*

No caso do espanhol, francês e inglês, não podemos dizer que estamos perante um único sentido indiferenciado das palavras <sup>E</sup>*aliento*, <sup>F</sup>*haleine* e <sup>I</sup>*breath*. Os mesmos três sentidos das palavras portuguesas <sup>P</sup>*hálito*, <sup>P</sup>*fôlego* e <sup>P</sup>*alento* serão actualizados nestas três línguas por meio de uma única palavra. Contudo, existem mecanismos na língua que vão permitir resolver estes fenómenos de polissemia, mecanismos de tipo pragmático que se podem construir a partir da informação fornecida pelo contexto situacional, mas também pelo co-texto, que poderá fornecer informação sobre as palavras com que se combinam estes termos para actualizar um sentido concreto:

«...cuando analizamos textos reales comprobamos que, normalmente, una distinción de significados lleva aparejada una diferen-

ciación formal, es decir, que a acepciones distintas de una misma palabra suele corresponderle estructuras formales también diferentes [...] Es decir, las diferentes acepciones de una palabra no radican exclusivamente en dicha palabra, sino en ella más otros elementos de su entorno (una determinada estructura sintáctica, la exigencia de un determinado sujeto o complemento, una particular colocación, etc.)» (Calderón, 1994: 54-55).

Assim, no caso dos exemplos espanhóis acima apresentados, estamos perante três acepções diferenciadas da mesma palavra (como se pode constatar pelas três lexicalizações diferentes que encontramos em português) que, frequentemente, trazem consigo algum tipo de variação a nível morfo-sintáctico<sup>3</sup>, isto é, vão actualizar-se, na maior parte dos casos, co-textualmente de maneira diferente<sup>4</sup>, como podemos ver nos exemplos seguintes:

- (a) <sup>E</sup>*Tener mal aliento*
- (b) <sup>E</sup>*Tomar aliento*
- (c) <sup>E</sup>*Palabras de aliento.*

A presença nos dicionários bilingues de definições, explicações ou restrições não é só pertinente como também, em alguns casos, a sua presença será necessária em duplicado. Isto é, poderá ser necessária apenas uma definição simultânea da unidade lexicográfica de L1 e do seu equivalente em L2, no caso de existir um total paralelismo entre termos e conceitos (mono ou pluriverbais), mas também poderemos ter casos de definições ou explicações aplicados, separadamente, à unidade lexicográfica de L1 e do equivalente proposto em L2.

<sup>3</sup> Deste princípio, de que diferentes construções sintácticas supõem, em geral, diferenciações semânticas, parte a teoria do «léxico-gramática», conjunto de estudos sintácticos baseados nos trabalhos de M. Gross e desenvolvidos nos trabalhos de tipo distribucional do L.A.D.L. (Laboratoire d'Analyse Documentaire et Linguistique) que dirige Gross sobre o «léxico-gramática» do francês. Sobre este modelo, *vd.* Guillet & La Fauzi (eds.) (1984), Gross & Vivès (1986), Danlos (ed.) (1988).

<sup>4</sup> Algo semelhante acontece nos chamados dicionários paradigmáticos (Haensch, 1982a: 177). Com efeito, os dicionários de sinónimos e de antónimos, e também muito frequentemente nos dicionários ideológicos, acabam por dar uma visão redutora dos significados das palavras que tratam ao não tomar em conta, na descrição dos significados das palavras, as relações sintagmáticas que estas estabelecem com outras palavras para actualizar os diferentes sentidos.

Um exemplo disto podem ser as diferentes expressões formadas com a palavra *café*<sup>5</sup>:

**café** *s.m.* 1. Café, cafezeiro (nome vulgar de uns arbustos cujo fruto (drupa) tem sementes que servem para fazer a bebida denominada café); *vd.* **cafeto**. 2. Café (semente do cafezeiro). 3. Café (bebida preparada com esta semente, depois de torrada e moída, por infusão); *Puedes poner más leche para aclarar el café*: Podes pôr mais leite para clarear o café. 4. Café (estabelecimento onde se serve esta bebida).  
 • **C~ cargado**: Café cargado. **C~ cortado**: Pingo, garoto [com pouco leite]. **C~ con leche**: 1. Meia de leite, [em chávena grande, de pequeno almoço], galão [em copo] [numa cafetaria, etc.]. 2. Pingo, garoto [em chávena pequena] [numa cafetaria, etc.]; *vd.* **cortado**. 3. Café com leite [em casa, num hotel]. **C~ solo**: Café, bica, cimbalino (bebida) [num estabelecimento comercial]....

Neste caso, o facto de ultrapassarmos a unidade palavra, como acontecia nos casos de *tener mal aliento, etc.* não será suficiente.

A não existência de uma correspondência total entre a unidade lexicográfica de L1 e o equivalente fornecido em L2, como é o caso de <sup>E</sup>*café cortado* e <sup>E</sup>*café con leche*, por um lado e <sup>P</sup>*pingo/Pgaroto*; <sup>P</sup>*pingo/Pgaroto normal*; <sup>P</sup>*pingo/Pgaroto directo*; <sup>P</sup>*meia de leite*, <sup>P</sup>*meia de leite directa*; <sup>P</sup>*meia de leite normal*, <sup>P</sup>*galão*, <sup>P</sup>*café com leite*, etc. obrigará à utilização de pequenas definições ou restrições do significado de uma das duas unidades. *Cf.*, por exemplo:

**café** *s.m....* • ... **C~ cortado**: Pingo, garoto [com pouco leite]. **C~ con leche**: 1. Meia de leite, galão [em chávena grande, de pequeno almoço] [numa cafetaria, etc.]. 2. Pingo, garoto [em chávena pequena] [numa cafetaria, etc.]; *vd.* **cortado**. 3. Café com leite [em casa, num hotel]. ...

Como sabemos, excepcionalmente poderá haver casos em que o facto de não existir um equivalente lexicalizado para a unidade lexicográfica da L1 (ou o equivalente funcionar só parcialmente) implicará que só se possa fornecer uma definição ou explicação sobre o uso de tal acepção, ou que se deva acompanhar, como acabamos de ver, uma proposta de equivalente com uma explicação que restrinja o seu uso.

<sup>5</sup> Sobre a distinção entre definição linguística ou definição lexicográfica e definição enciclopédica, *vd.* Iriarte Sanromán (2001: 223-251).

O problema é ainda mais grave no caso da existência de unidades lexicais em L2 sem correspondência lexicalizada em L1. Pense-se, por exemplo, na dificuldade de incorporar, no dicionário de espanhol-português, sob o lema <sup>E</sup>**café** casos como <sup>P</sup>*carioca de café*, <sup>P</sup>*pingo directo*, <sup>P</sup>*pingo normal*, <sup>P</sup>*meia de leite directa*, <sup>P</sup>*meia de leite normal*. Mesmo fornecendo uma definição ou paráfrase em espanhol destas expressões portuguesas, o problema da sua lematização continua sem resolver (repare-se que é na L1 onde não está lexicalizado o termo).

A consequência mais importante da não existência de uma total correspondência entre a unidade lexicográfica de L1 e o equivalente fornecido em L2 será a dificuldade de lematizar possíveis equivalentes em forma de paráfrases correspondentes a unidades lexicais existentes em L2, uma vez que não têm correspondência lexicalizada em L1. Isto será também razão suficiente para a impossibilidade de uma conversão automática de dicionários bilingues espanhol-português em dicionários de português/espanhol e vice-versa. Compare-se, por exemplo, casos como o de <sup>P</sup>*pingo normal*, etc. e a difícil lematização de possíveis equivalentes do tipo <sup>E</sup>«*café con leche en taza pequeña con café no hecho en el momento o con cebada*»:

**café** *s.m....* • ... *c~ con leche en taza pequeña con café no hecho en el momento o con cebada*: Pingo normal. ...

Outro caso em que se torna imprescindível a utilização de explicações, restrições ou definições a acompanhar os possíveis equivalentes é o da descrição lexicográfica das chamadas fórmulas de rotina. Poderão existir fórmulas linguísticas que se utilizem em situações tipificadas numa língua e que não tenham o respectivo equivalente na outra, ou até que não exista tal situação tipificada. É o caso, por exemplo, da fórmula de cortesia <sup>P</sup>*Com licença*, utilizada quando o falante vai rasgar um papel à frente do interlocutor (assim como ao desligar o telefone ou abrir um envelope), que não tem uma clara correspondência linguística em espanhol, uma vez que a situação não está tipificada nesta língua e não requer nenhum tipo de fórmula linguística concreta a acompanhar.

Um outro exemplo evidente da necessidade de explicações a acompanhar as propostas de equivalência lexicográfica é o uso das formas de tratamento <sup>E</sup>*tú*, <sup>E</sup>*usted* / <sup>P</sup>*tu*, <sup>P</sup>*você*, <sup>P</sup>*o Senhor*, <sup>P</sup>*o Senhor Dr.*, <sup>P</sup>*o Senhor Dr. Juiz*, etc. e os seus equivalentes em outra língua.

No caso dos dicionários bilingues, a informação sobre os chamados falsos amigos é também muito importante. Neste caso, podemos

considerar que se trata de definições negativas ou explicações contrastivas<sup>6</sup>, proporcionando informação sobre o que determinada palavra **não** é ou **não** significa:

<sup>E</sup> oficina: <sup>P</sup> escritório	≠ <sup>E</sup> escritorio: <sup>P</sup> secretária
<sup>P</sup> oficina: <sup>E</sup> talher	≠ <sup>P</sup> talheres: <sup>E</sup> cubiertos
<sup>E</sup> carpeta: <sup>P</sup> pasta	≠ <sup>E</sup> pasta: <sup>P</sup> massa
<sup>P</sup> carpete: <sup>E</sup> alfombra	
<sup>P</sup> nota: <sup>E</sup> billete	≠ <sup>P</sup> bilhete: <sup>E</sup> nota
<sup>E</sup> apenas: <sup>P</sup> quase não	≠ <sup>P</sup> apenas: <sup>E</sup> sólo
<sup>P</sup> desde logo: <sup>E</sup> desde entonces	≠ <sup>E</sup> desde luego: <sup>P</sup> evidentemente
<sup>P</sup> estás espantosa: <sup>E</sup> estás maravillosa	≠ <sup>E</sup> estás espantosa: <sup>P</sup> estás horrorosa
<sup>P</sup> tirar una fotografía ('fazer')	◇ <sup>E</sup> tirar una fotografía ('deitar fora').
<sup>P</sup> A dedo (com cuidado; calculadamente; de caso pensado etc. <sup>7</sup> )	≠ <sup>E</sup> A dedo (arbitrariamente, con abuso de autoridad en una elección o nombramiento).

## Referências bibliográficas

- ALVAR EZQUERRA, M. (1982), *Lexicología y lexicografía. Guía bibliográfica* Salamanca: Almar.
- BÉJOINT, H. & Ph. THOIRON (eds.) (1996), *Les Dictionnaires bilingues*. Louvain-la-Neuve: Duculot.
- CALDERÓN CAMPOS, M. (1994), *Sobre la elaboración de diccionarios monolingües de producción. Las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas*. Granada: Universidad de Granada.

<sup>6</sup> Tomámos a noção de «explicação contrastiva» de Wierzbicka (1985: 39):

«It is possible, of course, that a full portrait of a concept will need to include a contrastive reference to another concept. For example, I think that it is justifiable to refer to horses in the definitions of zebras, along the lines of a kind of animal which looks like a striped horse. It would be totally unjustified, however, to refer to zebras in the definition of the English word horse, along the lines of a kind of animal which looks like a stripeless zebra (although it is possible, of course, that in Hottentot or Zulu the word for horses should be defined partly in terms of a stripeless zebra, whilst the word for zebras should be defined without reference to horses).»

<sup>7</sup> Existe na actualidade, embora incompleto, um dicionário de falsos amigos do espanhol e do português: Lorenzo Feijóo (1992): *Diccionario de falsos amigos del español y del portugués*. São Paulo: Consejería de Educación de la Embajada de España.



- CHAURAND, J. e F. MAZIÈRE (eds.) (1990), *La définition*, actas do «Colloque la définition» organizado pelo *Centre d'Etudes du Lexique* da Universidade Paris-Nord em Novembro de 1988.
- CLAS, A (1996), «Problèmes de préparation rédactionnelle de dictionnaires bilingues spécialisés: quelques réflexions», em Béjoint & Thoiron (eds.) (1996), 199-211.
- DANLOS, L. (ed.) (1988), *Les expressions figées. Langages*, 90 (1988). Paris: Larousse.
- FUCHS, C. (1994), «The challenges of continuity for a linguistic approach to semantics», em Fuchs & Victorri (eds.) (1994), 93-107.
- GROSS, G. & R. VIVÈS (1986), «Les constructions nominales et l'élaboration d'un lexique-grammaire», em *Langue Française*, 69 (1986), 5-128.
- GUILLET, A. & N. LA FAUZI (eds.) (1984), *Lexique-Grammaire des langues romanes*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- HAENSCH, G. (1982), «Tipología de las obras lexicográficas», em Haensch *et al.* (1982), 95-187.
- HAENSCH, G., L. WOLF, S. ETTINGER & R. WERNER (1982), *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos.
- IRIARTE SANROMÁN, Á. (2001), *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasesmas, Pragmatemas*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho.
- LÉPINETTE, B (1996), «Le role de la syntaxe dans la lexicographie bilingue», em Béjoint & Thoiron (eds.) (1996), 53-69.
- SAUSSURE, F. de (1992), *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Dom Quixote [Publicado por Ch. Bally e A. Sechehaye em 1916, versão definitiva em 1922].
- TEIXEIRA, J. (1992), «O carácter não-axiomático das antinomias saussureanas», *Diacrítica*, 7 (1992), Braga: Universidade do Minho; pp. 295-312.
- WIERZBICKA, A. (1985), *Lexicography and Conceptual Analysis*. Ann Arbor, MI: Karoma.
- ZGUSTA, L. (1988), *Lexicography Today. An annotated bibliography of the theory of lexicography* [with the assistance of Donna M. T. Cr. Farina]. *Lexicographica*. Series Maior, 18. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.